

AÇÃO DIRETA

MENSÁRIO ANARQUISTA

Diretor: Sônia Oiticica

Diretor Fundador: José Oiticica

Administrador: Manuel Peres

Redação: Av. Treze de Maio, 23 — 9.º andar - sala 922

ANO 11 N.º 120

Rio de Janeiro, Agosto e setembro de 1957

PREÇO: Cr\$ 2.00

Registro SI/P-214 de 8-3-1946

ABUSO DO PODER

Fala-se muito em abusos do poder. Mas, só existem tais abusos porque existe Poder. Acabe-se com este e seus abusos acabarão.

Lord ACTON dizia: "O poder corrompe; mas, o poder absoluto corrompe absolutamente". Ora, a tendência de todo poder é tornar-se absoluto. Acabando-se o Poder, acaba-se a corrupção!

José Oiticica

A tragédia dos ditadores

Por MANUEL PERES

GUATEMALA

Há dois anos, o povo da Guatemala tinha uma existência relativamente calma, e não diremos feliz, porque a felicidade não é possível em regime capitalista. Em todo caso, as reformas agrárias do então presidente Jacobo Arbens, que arrancou as terras dos "trusts" estrangeiros para dividi-las entre os camponeses pobres, antes submetidos à mais degradante miséria, e outras reformas de caráter social e político, colocaram aquela nação num plano de superioridade em relação a muitas das suas irmãs do continente.

Não tardou que os reacionários nacionais e estrangeiros, alarmados com a política liberal de Arbens e o incremento das organizações proletárias, dessem início a uma campanha de descrédito contra o presidente e seu governo, afirmando que pretendiam instaurar o comunismo na Guatemala. A revolta para derrubá-lo foi organizada dentro e fora da fronteira.

Castillo Armas foi o instrumento dócil do imperialismo, que lhe facilitou armas e dinheiro. Desta forma, traíndo sua própria pátria, Castillo conseguiu triunfar, instaurando, com a sua ditadura, um regime de terror e de morte. Um soldado da própria guarda presidencial pôs fim a estas infâmias, disparando a sua arma contra o ditador, que tombou fulminado numa das galerias do palácio.

Eu, que detesto todas as tiranias, não lamentei a morte de Somoza e de Castillo Armas, vítimas, ambos, de seus próprios crimes. Guardei, porém, luto em meu coração pelos dois jovens idealistas, que ao exterminá-los sacrificaram suas próprias vidas pela causa sublime da liberdade e da justiça humana.

CUBA

Quem não recorda?... Há 27 anos o mundo inteiro admirava o bravo sargento Fulgência Bautista que, à frente de uma sublevação popular, punha fim à odiosa ditadura a que estava submetido o povo cubano pelo então presidente, Coronel Geraldo Machado y Morales, considerado na época como o tirano mais cruel do século.

Nos seus primeiros tempos, Bautista seguiu uma política de cunho mais ou menos liberal, dando aos governos que então se constituíram todo o seu apoio, já que tinha assumido a chefia suprema do exército, a fim de que a sua Pátria pudesse reconquistar as liberdades que Machado havia suprimido.

Mas... o sargento foi subindo (tenente, capitão, coronel, general, presidente da república). Depois... o ex-sargento julgou que era dono absoluto de Cuba e começou a conspirar contra todos os governos, até que finalmente conseguiu depor o de Prío Socarras, para assumir o poder como ditador.

Surge agora a sublevação popular contra a sua ditadura, e o bravo Bautista de há 27 anos, o que tanto falou de liberdade, o que afirmava na praça pública que era necessário exterminar todos os tiranos do continente, sentindo-se impotente para vencer os guerreiros do bravo Fidel Castro, ordena à sua polícia que disperse à bala as manifestações organizadas nas ruas de Santiago, nas quais figuravam, em sua maioria, mulheres e crianças.

Os governantes do continente não protestam contra estas infâmias. Bem possível é que aguardem que aconteça a Bautista o mesmo que aconteceu a Somoza e Castillo Armas, para então decretarem luto oficial por três dias... porque, afinal, a época não é boa para os ditadores da América Latina.

Quem com ferro mata...

A LIÇÃO DO PROLETARIADO ESPANHOL

Por JAIME R. MAGRINA

A história política e social da Espanha marca novos rumos em julho de 1936. Se o predomínio de uma religião falsária e decadente obriga, em 1942, os reis católicos a expulsar os judeus, e a monarquia absoluta de Carlos I vence os comunistas de Castela e as "germanias" de Valência e Maiorca; se uma guerra para impor um rei dura sete anos, e entre liberais da rainha Isabel II e do pretendente Carlos — ambos irmãos — incendeia-se uma guerra civil que termina em Luchana em 1839; se para provar a República em 1873, fazem-se matar os espanhóis, até que o general Pavia, dissolvendo as Cortes e com a ajuda do general Martínez Campos, proclamar rei um Bourbon chamado Alfonso XII; se com a monarquia se perdem as colônias de Cuba e Porto Rico junto com as Filipinas, graças ao poderio militar dos

"gringos"; se naqueles tempos os norte-americanos submetem os espanhóis que submetiam os povos das colônias e o povo da península, e na guerra de libertação vencem o militarismo espanhol a serviço exclusivo da monarquia, a chegada de Alfonso XIII, 1902, assinala a inutilidade dos partidos políticos e do próprio governo espanhol.

O proletariado espanhol, que já tem personalidade em 1870, e que procura viver à margem dos partidos políticos, acelera a degeneração do regime e proclama a imoralidade do sistema capitalista. Apesar das constantes repressões, o movimento obreiro espanhol organiza seus sindicatos, suas federações, os ateneus operários, e realiza congressos socialistas, alimentando ainda sua própria imprensa, para propaganda de suas idéias, suas táticas e suas finalidades.

No ano de 1896 já se publicava em Madrid o diário anarquista "Tierra Y Libertad". "La Federación", órgão das Sociedades Obreras (Centro Federal, Barcelona, Calle Mercaders 42) já se publicava em 1869 sob a direção do anarquista Rafael Farga Pellicer. Com tais antecedentes de organização e propaganda própria, o movimento operário revolucionário e finalista espanhol estava já bastante maduro em 1936, tendo experiência da Comuna de Paris (1870), da insurreição anarco-sindicalista de 1932, e do movimento de aliança obreira de 1934 em Astúrias. Ademais, já tinha vivido as greves gerais de 1902, 1909, 1917 e todas as conspirações do tempo da ditadura do general Primo de Rivera, pai do fundador da Falange.

Chegado o momento de medirem-se as forças do progresso e da reação, a CNT da Espanha e o anarquismo, ao vencer em Madrid e em Barcelona, derrotando os facciosos que pretendiam anular a constituição e o regime da República, demonstram sua capacidade de organização e as profundas raízes que têm entre as massas trabalhadoras e o próprio povo.

Já existe hoje uma enorme bibliografia da revolução espanhola, que serve para dar abundantes informações da capacidade revolucionária da C.N.T. São livros do mais variado valor e alcance, não só de escritores adictos a nossas idéias, como por exemplo "La Cataluña Rebelde" de Georges Orwell.

No dia 14 de julho de 1936, o Comitê Nacional da C. N. T. com sede em Zaragoza, num manifesto dizia: "Nós, que não defendemos a República, mas que combatemos sem trégua o fascismo, daremos a contribuição de todas as forças de que dispomos para derrotar os verdugos históricos do proletariado espanhol".

A promessa do C. N. da C. N. T. foi cumprida, mas sucedeu que os verdugos históricos do proletariado espanhol, com a ajuda do Vaticano, do fascismo e do nazismo, secundados pelo capitalismo, além da descarada intervenção da Rússia — ver os livros de Santillan, Rocker e Garcia Pradas — conseguiram salvar o capitalismo, a Igreja e toda a reação espanhola, contra o proletariado.

Mas, de 19 de julho de 1936 a 29 de março de 1939, na Espanha se fez uma guerra e uma revolução que servirá de lição ao mundo do trabalho, já que tem mais importância que a própria fracassada revolução alemã dos social-democratas Ebert e Noske; mais profundidade que a Comuna Húngara de Bela Kun; maior conteúdo social que não importa qual outra revolução anterior; que obrigou inclusive a revisão tática do marxismo e ao arrependimento de

(Cont. na pag. 4)

(Cont. na pag. 4)

CUIDADO COM OS QUE GOVERNAM

Falando na Associação Norte-Americana para o Progresso da Ciência, declarou o Professor Pitirim A. Sorokin, da Universidade de Harvard, que os governantes são o grupo mais criminoso das populações a que pertencem. A proporção de assassínios observada entre governantes vai a 25 por cento e mesmo a 100 por cento, segundo afirma aquele mestre de Harvard.

As pesquisas do Professor Sorokin sobre a criminalidade de governantes abrangem monarcas ingleses, russos, franceses, alemães, austríacos e turcos, presidentes de República e chefes de governo em geral. Entre os assassínios praticados por governantes, disse ele, figuram parricídios, matricídios, exorcídios, fratricídios, etc.

A descoberta da energia atômica e das armas nucleares impõe aos cientistas a obrigação de encontrar um meio de evitar o mau uso de suas realizações por grupos criminosos e egoístas e, especialmente, pelos governos.

"É pouco duvidoso", advertiu o Professor Sorokin, "que, dentro de uma ou duas décadas, as armas nucleares passem a mãos criminosas. E não há certeza de que os governantes das nações não cheguem a fazer uso execrável dessas armas, lançando a humanidade em guerras civis ou internacionais".

Os grupos governantes de hoje, na opinião do mencionado professor, são, possivelmente, os mais perigosos para o bem-estar do gênero humano.

Os recentes feitos das ciências físicas e biológicas também clamam pelo abandono de muitas teorias das ciências sociais por serem cientificamente insustentáveis. Segundo o Professor Sorokin, entre as teorias que estão exigindo revisão de alto a baixo ou o abandono definitivo, acham-se a teoria freudiana de personalidade e do comportamento humano e a teoria darwiniana de luta pela existência.

(Transcrito de O GLOBO, de 19-6-1957).

Política e Ação Direta

Por Mário Ferreira dos Santos

A ação direta deixa que o impulso ativo do homem se manifeste com toda a sua pureza, sem os desvios que o viciam, e levá-lo à ação verdadeiramente socialista, ao desejo de erguer os irmãos da passividade para a ação, da inércia para a rebeldia. Ela é criadora, porque transforma cada um num ser responsável de ação socialista.

Por isso a política é arma mais amada pela burguesia. A burguesia inteligente do mundo inteiro não combate os partidos políticos operários senão aparentemente. Ataca-os, acusando-os de revolucionários e exigentes, para iludirem as massas, para fazê-las acreditarem que realmente eles são revolucionários. Mas a burguesia inteligente sabe perfeitamente que esses partidos são os melhores guardiões de seus tesouros, porque, ao darem às massas uma ilusão de

conquistas, ajudam, também, a desmoralizar o socialismo e a apresentar aos olhos do povo o regime capitalista como algo de imprescindível e sólido, como algo de eterno.

E que melhor para tal que os "parlamentares", onde se debatem todas as idéias e se aumenta a confusão do povo? Que melhor que as campanhas políticas, essas "adoráveis dormideiras", esse ópio das multidões, que lhes dão a suave e doce ilusão de que estão realizando socialismo e construindo o seu amanhã, através de pedacinhos de papéis, postos religiosamente nas urnas silenciosas?

A burguesia sabe que os partidos operários são o seu melhor aliado, o aliado silencioso, o aliado indireto. Com suas agitações eleitorais, eles dão vazão às forças do proletariado, aos desejos de rebeldia do proletariado. É uma forma

de desviar esses impulsos, tão perigosos, para fins muito mais interessantes aos senhores do mundo. Uma campanha política custa muito dinheiro e muito trabalho. Toda a carga ativa das massas, prestes a explodir, é canalizada habilmente para a campanha eleitoral. Distribuição de manifestos, pregação de cartazes, aliciamento de eleitores, comícios eleitorais, trabalho, trabalho, trabalho que se gasta, esforços inauditos perdidos. Mas se esse esforço fosse empregado para uma ação direta das massas, para a educação socialista dos oprimidos, para ensinar-lhes os meios práticos de luta, de organização econômica e para uma vida socialista, seriam mais úteis. É preciso mostrar, exclamam os libertários, que o caminho do socialismo não é um caminho de rosas, mas um caminho de lutas, de grandes sacrifícios, de lágrimas, de dores, de ingentes esforços.

Toda essa carga ativa que se concentra nas multidões exploradas, não deve ser aproveitada, mas desviada. Não deve ter o seu curso

(Cont. na pag. 4)

(Cont. na pag. 4)



Afirmam alguns com notória má fé, e outros por ignorarem a bondade dos nossos ideais, que o anarquismo é a desordem, o caos, a negação absoluta da civilização e das normas fundamentais que regem a chamada sociedade moderna.

Respondendo a uns e outros eu afirmo com orgulho que sábios como o grande geógrafo Eliseu Reclus; pensadores como Leão Tolstói, Pedro Kropótkin, Miguel Bakunin, Han Ryner, Luís Michel, Rudolf Rocker, Proudhon, Errico Malatesta, Pietro Gori, Sébastien Faure, Frederico Urales e muitos outros, e os grandes mestres, como S. J. P. van der Leeuw, Pedro Valina, José Pujols, e Fábio Luz; e o grande mestre José Oiticica, cuja morte emocionou o mundo inteiro, defenderam sempre com grande entusiasmo o ideal anarquista.

Profundamente humano, o anarquismo luta pela conquista de um mundo melhor, no qual não exista a exploração do homem pelo homem, o que será possível com a socialização de todas as riquezas, que serão patrimônio comum da coletividade, assegurando a todos uma existência livre, próspera e feliz.

Assevera o anarquismo que ninguém tem o direito de atentar contra a vida dos seus semelhantes. Justamente por isso combatemos a guerra, as ditaduras e a tirania em todos os seus aspectos, porque guerra e tirania são sinônimos de dor, de morte e desesperação. Para nós o atentado pessoal só tem justificção quando o extermínio de uma vida tem como objetivo evitar que milhares de outras vidas sejam cruelmente sacrificadas.

Esta declaração de princípios vem a propósito da crítica que vou fazer, nesta crônica, sobre acontecimentos verificados ultimamente em algumas repúblicas do Continente Americano.

NICARÁGUA

Há pouco tempo um jovem patriota de tendência liberal, com sacrifício de sua própria vida, matou a tiros o ditador da Nicarágua, Coronel Anastácio Somoza, que durante muitos anos foi o tirano supremo daquela pequena e mártir República.

A imprensa oficial e os governantes de todo o continente protestaram, indignados contra esse atentado que consideravam como um insulto aos próprios sentimentos humanos, esquecendo que milhares de vidas haviam sido sacrificadas pela tirania de Somoza durante os largos anos do seu domínio.

Esqueceram, também, esses governantes que o grande patriota Coronel Sandino, que durante muitos meses empolgou o mundo com sua luta titânica pela independência da Nicarágua, ameaçada pela intervenção estrangeira, fora assassinado por ordem de Somoza, o qual, depois de fazer uma aliança com o herói popular, a pretensão de ajudá-lo na sua campanha de libertação, preparou uma cilada para que um grupo de sicários o assassinassem pelas costas... Esse era Anastácio Somoza.

NA ACADEMIA BRASILEIRA. — A Academia que tão triste conduta tivera em relação ao poeta anarquista Martins Fontes, quando só Goulart de Andrade teve a dignidade de não enxovalhar o seu voto, redime-se, agora, homenageando a José Oiticica.

Falaram sobre o mestre, os acadêmicos Viriato Correia, Levy Carneiro, Alvaro Lins, Peregrino Junior. Não falou Manuel Bandeira... e fez bem... lucraram os acadêmicos... e Machado de Assis.

Apesar de grandemente satisfeito, em virtude dos laços de amizade que nos prendiam ao mestre, não podemos calar diante de dois passos do belo discurso de Viriato Correia e algumas palavras atribuídas, pelo "Jornal do Comércio" de 7 de julho, a Peregrino Junior.

Diz Viriato: "O professor José Oiticica foi talvez o mais pacífico, o mais cândido dos anarquistas do mundo".

Estas palavras mutilam a personalidade do mestre. Viva ele, na memória dos amigos, como foi realmente: — um grande coração! Pacífico, não! Cândido, jamais! Era partidário da revolução, e só não pegou em armas, porque, descobertos os planos, lhe fugiram as oportunidades. As opiniões que, antevendo os fatos, emitiu a companheiro destacado de Espanha, por ocasião da Guerra Civil de 1936, para prevenir traições certas, podem ser de um grande militante estudioso e observador... nunca, porém, de um pacífico, de um cândido! Pacífico e cândido, quem dera uma bofetada em Chefe de Polícia, por tentar desrespeitá-lo!

Prossegue o ilustre acadêmico: "Era um anarquismo branco, azul ou cor de rosa, enfim de uma dessas cores que simbolizam doçura, paz, tranquilidade".

Parece desconhecer o ilustre acadêmico a significação das cores no campo das lutas sociais. Aqui mesmo, no Brasil, tivemos os Camisas-Verdes, Cáquís, Azuis. Estes, de vida efêmera, do Prefeito Pedro Ernesto, antes de aderir à Aliança Nacional Libertadora, chegaram a desfilar. Chamam-se amarelos, aos que traem a causa dos trabalhadores.

Dizer que o anarquismo do Oiticica era cor de rosa, é dizer que ele se fingia revolucionário, que se dizia revolucionário por vaidade ou por tirar proveito, mas, que, de coração, não desejava transformação alguma. Este é o sentido que ele, Oiticica, dava (e muitos dão) à citada expressão, sentido em que a empregou, em grupo reunido na sua residência, pouco antes do seu falecimento.

Agora, as palavras atribuídas a Peregrino Junior, Presidente da Academia: — "...apesar de se dizer anar-

ECOS DA MORTE DE OITICICA

Por SERAPHIM PÔRTO

quista, era um dos homens mais corretos e dignos que conhecera, chefe de família exemplar".

Não fôsse Peregrino Junior, acadêmico e Presidente, e diríamos não conhecer o significado da palavra *apesar*. Mas, *apesar* de acadêmico e Presidente, parece ignorar que a História do Anarquismo pode fazer desfilar diante dos seus olhos, inúmeros vultos não só corretos e dignos senão que de vastíssimo saber, como o genial Proudhon, e romancista Tolstói, o ex-príncipe, sábio Kropotkin, o grande geógrafo Elisée Reclus.

Quanto à ser chefe de família exemplar, *apesar* de muitos não o serem, embora não sejam anarquistas, só todos não o são, porque, quase todos, acadêmicos ou não, ainda ignoram que só o anarquismo poderá remover as múltiplas causas sociais, que fazem a humanidade infeliz. Oiticica, anarquista, era coerente, sendo exemplar chefe de família.

NO CORREIO DA MANHÃ. — Até tu, Osorio Borba?! Creio que conheces a Tolstói. Era anarquista cristão. Mas, nada tinha que ver com o cristianismo daqueles cristãos, que engróssam as fileiras do Partido Socialista Brasileiro e que juram cega obediência a cardeais e papas. Houve, na Europa, uma corrente anarquista — os Nazarenos, anarquistas cristãos, que foram de uma bravura sem par, contra todas as injustiças sociais e que se negavam a pegar em armas, sob qualquer pretexto, não dando importância a prisões nem a fuzilamentos. Não te admirem, pois, que Oiticica fôsse anarquista e rosa-cruz.

De modo geral, são os anarquistas, no campo filosófico, ateus. Uns e outros, porém, na esfera política, olham todos os Governos, quaisquer que eles sejam, tenham os apelidos que tiverem, como instrumento de opressão.

E tu Osorio, tão inteligente, tão honesto, tão bravo, ainda acreditas nas boas intenções dos governos!

Quase fôste Presidente, mal que te não desejo. No palácio, ou te vergavas e te avacalhavas, ou, então, rodavas.

Falaste em "um grupo anarquista", na Guerra Civil da Espanha, de 1936 a 1939. Não sei que extensão dás ao "grupo". Mas, os componentes desse "grupo", tomaram

a iniciativa na luta e foram os que mais contribuíram para pôr em debandada o exército espanhol.

O anarquismo não é um partido, como disseste; é um movimento; ele tem a ventura de não obedecer a chefes, a um João Mangabeira, por exemplo, socialista que nega o auditório do Partido, para uma reunião com socialistas europeus, alegando que o Partido Socialista Brasileiro não tem ligações internacionais. Estavas perto e ouviste. Socialismo à Mangabeira, à moda da casa.

Se bem que te não pareça exequível o anarquismo, as várias experiências práticas mostram que o é.

Para que ele possa, no entanto, medrar por toda a parte, é preciso ir vencendo as várias resistências, à sua propaganda. É preciso desmascarar o mito da Rússia, que traz o trabalhador iludido e esperançoso. É preciso mostrar que, enquanto houver Governo, há apressão, seja ele de Atlee ou de Leon Blum. É preciso mais lealdade no processo da luta, principalmente, por parte dos socialistas, afim de não transformarem em movimentos eleitorais, os movimentos que se criem, para esclarecimento honesto do proletariado. Há bem pouco tempo foi boicotado o M. O. S. (Movimento de Orientação Sindical), por elementos que estavam mais interessados na caça do voto, do que no esclarecimento dos trabalhadores. O M. O. S. não se prestava para ninho de eleitores. É preciso mostrar aos trabalhadores que não basta lutar por mais salário e menos horas de trabalho, porque a burguesia vai, na mesma proporção, aumentando o custo da vida, mas, que urge transformar a organização social, para sairmos deste círculo vicioso.

Hoje, no Brasil, somos poucos os anarquistas; a nossa ação nos sindicatos não é sentida, como o foi até 1918; por isso, os políticos têm acesso a eles, mentem aos trabalhadores e são carregados em triunfo ridículo!

EM LEITURA. — Na quarta página do n.º 2 de *Leitura*, infeliz comentarista conseguiu, em tão curto espaço, atulhar o maior amontoado de asneiras, de que há memória na imprensa brasileira. Basta dizer que confunde, em tom doutoral, anarquismo com bolchevismo! O péso de tamanha ignorância preocupará, por certo, a O. N. U.!

Diz haver sido o Oiticica, o último dos anarquistas. Nada! Cá estamos para podermos testemunhar a ignorância maciça do comentarista!

Terminou dizendo: — "os gramáticos, esses, não têm mais ofício, que mais vale quem pior escreve". Eis a razão pela qual escreveu tanta asneira, naquele seu Português, que o faz valer mais do que ninguém...

A proposito da missa Sacrilega

Por OSVALDO SALGUEIRO

O caso da chamada "missa sacriliga" tomou proporções de escândalo e as coisas chegaram a tal ponto que o deputado Carlos Lacerda veio a São Paulo especialmente para se penitenciar perante o cardeal dom Carlos Carmelo.

Dado o modo como aquele foi recebido por este, é intuitivo que o que irritou o cardeal não foi a "missa sacriliga" em si, mas o escândalo que, em torno do acontecimento, o sr. Carlos Lacerda provocou. De fato, se o Presidente da República leu, durante o ofício religioso, qualquer coisa estranha ao mesmo e isto implica em sacrilégio, o que se poderá dizer do procedimento de tantas e tantas beatas, que, geralmente, no decorrer da missa, de rosário entre as mãos, fingem rezar mas que de soslaio, devoram com o olhar a rica indumentária da vizinha para depois comentá-la com riqueza de detalhes? E o que dizer de tantos e tantos sacrilégios praticados, através dos séculos, por tantos e tantos prelados, isto é, dentro do próprio seio da Igreja? E quem duvide disto, que leia, por exemplo, "Os crimes dos Papas", de Lachatre, obra de autor idôneo e a mais completa do gênero.

Evidentemente, ao tentar fazer borrasca em copo com água, o temerário líder da UDN nada sabe sobre sacrilégios. Seja como for, não há dúvida de que no caso houve a segunda intenção da exploração política.

Mas, que das palavras acima não se infira, por caridade, a justificação das falhas, ou de uma pequena falha, se assim se pode dizer, do governo. Isto seria um absurdo, mormente dentro dos princípios libertários. Os acontecimentos históricos têm demonstrado, até ao presente, que todos os governos são falhos, porque o falhar é a sua essência, a sua razão de ser. E tudo o que na convivência humana é falho, deve ser condenado.

Após o encontro que o sr. Carlos Lacerda teve com dom Carmelo, aquele disse, em suas curtas declarações à imprensa, que a conversa fora para ele, Lacerda, muito satisfatória. E contando, evidentemente, com a discrição do cardeal assim terminou: "Tratou-se de um encontro entre um católico e seu cardeal. Foi, portanto, uma conversa particular. E a conversa pertence a ele e não a mim".

Mas, no dia seguinte, através da mesma imprensa, a conversação deixava de ser particular e de pertencer apenas ao cardeal, para pertencer ao público. Teria, ela realmente sido satisfatória para o sr. Carlos Lacerda?

Vejamos. Disse o deputado ao cardeal "que sua atitude política de combate ao governo estava absolutamente de acordo com os princípios cristãos; que ele, como filho da Igreja, tinha dever sagrado de combater um governo que, estribado na ilegalidade, tantos males estava causando à nação". Mas o cardeal respondeu-lhe que não, que ele não era um cristão e que "próprio de um cristão é acatar as autoridades, respeitá-las e cooperar com elas para a paz e o bem comum, coisa que o sr. Carlos Lacerda não estava fazendo. Os ensinamentos da Igreja eram diametralmente opostos ao modo de agir do deputado udenista". Não sabemos, mesmo porque ele não pôde dizer, o que é que dom Carmelo entende por "paz e cooperação com as autoridades instituídas, para o bem comum." Mas não há dúvida de que os ensinamentos da Igreja são e sempre o foram de obediência cega, incondicional, aos governos, salvo nos tempos em que, dadas certas circunstâncias, ela se sentia com forças para dominá-los e se sobrepor a eles. O próprio Cristianismo, nos seus primórdios, já prega a obediência aos potentados. Saul, depois São Paulo, que foi, no seu tempo, o maior animador do Cristianismo, em sua epistola aos romanos, versículo 13, diz: "Que toda pessoa se submetta às autoridades superiores, porque não há autoridade que não venha de Deus e as autoridades que existem foram instituídas por Deus. Os que se opõem à autoridade, resistem à ordem que Deus estabeleceu e os que resistem atrairão um castigo sobre si mesmos".

Se em seus delírios de ordem religiosa S. Paulo era, geralmente, tão confuso e nebuloso, sob o ponto de vista político foi bem claro e preciso quanto às suas recomendações de submissão incondicional às autoridades, posto que estas, segundo ele, são instituídas por Deus. Esta doutrina, S. Paulo a levou até às relações sociais e de família, cujas consequências ainda hoje estamos sofrendo.

Assim sendo, a Igreja, nas chamadas democracias, finge-se de democrata e nas ditaduras ela se patenteia ditatorial. É que entre

estas ela se sente mais à vontade, desde que, é claro, não venham a prejudicá-la em seus interesses criados. Mas sempre ao lado das autoridades, legal ou ilegalmente instituídas. Até se dá ao luxo de tal ostentação através de clichês divulgados pela imprensa. E se entre os chamados governos democráticos a Igreja não se sente muito à vontade, é porque, apesar de todos os pesares, nem sempre permittem fazer o que quer.

Voltemos, porém, para terminar, à vaca fria, isto é, ao encontro havido entre o deputado e o cardeal, provocado pela tal "missa sacriliga".

Além de outras palavras duras, dom Carlos Carmelo disse a Carlos Lacerda que este já antes havia propalado inverdades a seu respeito, afirmando que a candidatura Eduardo Gomes "tinha sido queimada pelo próprio dom Carlos". E logo depois disso Carlos Lacerda declarava aos jornalistas, conforme eu já disse, que se sentia satisfeito com a conversação que tivera com o cardeal, mas que tal conversação só ao cardeal pertencia.

Notem bem, o cardeal disse ao deputado que este o havia acusado de queimar a candidatura de Eduardo Gomes. Neste caso, cabe-nos o direito de perguntar: o que é que terá provocado a vinda de Carlos Lacerda à presença de dom Carlos Carmelo afim de se penitenciar? O respeito que a Igreja lhe merece, na qualidade de seu filho, ou o receio de também vir a ser queimado? Mas esta é outra conversa. Conversa que só a Carlos Lacerda pertence...

Tôda correspondência deve ser enviada para a Avenida Almirante Barroso, n.º 6, sala 1101 endereçada para nosso diretor ou nosso administrador.

A VOZ DA OVELHA

Receita para "apurar" a raça

Por FREI MALAVENTURA

de sua intimidade. Logo... cuidado com ele.

Ainda sobre mulatos, o padre Artur Costa escreveu, no mesmo jornal, a seguinte nota:

"Castanhola veio visitar-me ontem pela manhã e ficou de conversa até quase meio-dia.

O que agora o preocupa, diz ele, é a situação geral do país.

Acha que o povo está esgotando as suas reservas de paciência. E não sabe aonde isto vai parar. Aumenta o custo da vida e faltam os meios de transporte. Já não se pode comer uma boa feijoada com um calicezinho de parati para abrir o apetite.

Castanhola gosta duma pinga antes do almoço, e inclui a cachaca entre os gêneros de primeira necessidade.

Procuo animar Castanhola, lembrando-lhe que tudo vai melhorar com a mudança de nossa capital para Brasília.

Mas o mulato perde, desta vez, a calma e solta um palavrão que eu não esperava de sua idade nem do respeito que me deve."

Após a leitura do que o padre Artur Costa escreveu sobre as solteironas e os mulatos, recorro ao livro já mencionado "A Religião ao Alcance de Todos", à procura de uma classificação para o "distinto" colaborador do jornal "A Cruz". E encontro a seguinte: "Padre esperto. — É aquele que não tem necessidade de estudar grande coisa. O seu instinto deixa-lhe compreender facilmente todos os mistérios da Igreja, que se reduzem a viver à custa dos fiéis. Este padre burla-se intimamente da Igreja e de toda a teologia e com suas espertezas e sagacidade consegue uma promoção de bispo ou alguma prelasia rendosa. Geralmente são jesuítas os padres assim classificados".

Após estas considerações que vieram a calhar para definir o colaborador de "A Cruz", nada mais resta a dizer hoje aos que me dão o prazer de sua atenção, lendo as palestras que são publicadas regularmente pela AÇÃO DIRETA.

Ora, eu não tenho culpa se Dona Chica ainda não encontrou marido. E aqui estou para fazer-lhe o processo de casamento, se trouxer a certidão de batismo e os outros documentos exigidos pela Cúria.

A questão é só descobrir o noivo. Há muito mulato por aí que gostaria de apurar a raça, casando-se com mulher branca, nacional ou estrangeira...

Que tal a linguagem do padre Costa e a sua afirmativa sobre mulatos? Não resta dúvida que fala por experiência própria. Se não é ele mesmo, é alguém que priva

NOTAS ESPARSAS

Por GUTIERREZ

JUVENTUDE — Estava eu na minha infância, pois apenas 12 anos contava, quando, olhando para um ano atrás, via, lá, em Pôrto Artur, massacrarem-se homens que nada entendiam de fronteiras nem de história e geografia, mas porque eram obrigados à força ou, por imbecil fanatismo, acreditava que, do lado de lá, estava o inimigo. Eu, criado num meio tipicamente religioso, habituado a fazer o sinal da cruz em todos os lugares onde me encontrasse e a tirar meu chapéuzinho ao passar em frente a uma igreja, revoltei-me contra tanta carnificina. Quatro anos mais tarde, na gloriosa Espanha de Anselmo Lorenzo e Unamuno; na rebelde Barcelona, na indomável Catalunha, as heróicas mulheres do povo, atiravam-se à rua para evitar a continuação da carnificina no Marrocos. A luta foi titânica. As mulheres tiveram a seu lado a gloriosa juventude das escolas e das oficinas, transformando Barcelona num verdadeiro campo de batalha; e a semana sangrenta de Barcelona teve seu epílogo no dia 13 de outubro de 1909, com o fuzilamento do educador Francisco Ferrer y Guardia. Por todo o mundo, a juventude tremeu de ódio e de revolta.

A juventude vibra... Bismark, Lênin e Trotsky, Mussoline... Três falas, três tiranias. E a juventude vibra ao ver tombar os tiranos... E a juventude vibra cantando hossanas ao porvir. E, agora, camaradas, quando meus cabelos de branco estão pintados, que vemos? Nada?! Não. Estuda a juventude estudiosa e anela por um porvir de paz e de venturas; estuda a juventude de nossos dias, que à rua sai gritando atrás de um caudilho, ou ao caudilho vai nas praças públicas. Que enorme nobreza de sentimentos têm aquelas crianças que nas ruas caem, como caiu Durruti ao defender um Ideal, ao protestar contra uma tirania!

E a nobreza de sentimentos, emoldurada por uns cabelos negros que procuram tingir-se de neve na heróica luta pela redenção de um povo. E a juventude, é o sangue, é a vida que vibra, que lateja, que estua ao sacrificarem-se em prol da liberdade, camaradas.

As juventudes de hoje são os alicerces da sociedade do futuro. Não importa que um ou outro tombe na luta; são as balisas indicando o roteiro do futuro: Espártaco, João Huss, Giordano Bruno, Galileu, Marat, Sofia Perovskaia, Ferrer, Durruti... símbolos de uma Idéia, construtores do futuro.

Por incrível que pareça...

Por P. B. J.

...Deus já tem uma estação de rádio no Brasil! E' força de expressão, mas fato consumado: a Legião da Boa Vontade, com dinheiro dos seus adeptos, conseguiu comprar uma estação de rádio, pomposamente batizada como "a estação de Deus". Que dirão a isto a Rádio "Jornal do Brasil", a Vera Cruz, os católicos, em fim, que não se cansam de proclamar, aos quatro ventos, que Deus está em toda a parte, vê tudo e penetra em todos os corações?

Se isso fosse verdade, para que uma estação de rádio, exclusivamente para ele, se tem a faculdade de orientar o pensamento de toda a Humanidade em torno de sua "majestade divina"? Falemos claro. Se Deus existe, não precisa de estação de rádio nem de propaganda, porque, tendo poder absoluto sobre tudo e todos, bem poderia ter criado exclusivamente seres de bons sentimentos para evitar futuramente ter que governar o mundo a ferro e a fogo, provocando guerras e semeando epidemias para liquidar "seus filhos". Portanto, Deus não existe e, consequentemente, os poderes que lhe são atribuídos são pura fantasia.

A propósito, vale a pena ler um folheto intitulado "Deus existe? — eis a questão", de Sebastião Faure, editado pela "Editorial Sementeira", de S. Paulo. Eis alguns períodos do aludido folheto: "Tu, leitor, que me lês, abre os olhos, examina, observa, compreende. O céu de que te falam sem cessar, o céu, com ajuda do qual, procuram insensibilizar a tua miséria, anestesiar os teus sofrimentos e afogar os gemidos que, apesar de tudo, saem de teu peito, é um céu irracional, um céu deserto. Só o teu inferno é povoado, é positivo." "Levanta-te homem! E, direito, altivo, rebelde, declara guerra implacável ao Deus que há tanto tempo impõe aos teus irmãos e a ti próprio uma veneração embrute-

cedora. Desembaraça-te desse tirano imaginário e sacode o jugo dos indivíduos que pretendem ser os representantes dele na terra."

"Quando te tiveres emancipado dos Deuses do Céu e da Terra; quando te tiveres desembaraçado dos chefes de cima e dos de baixo; quando tiveres levado à prática esse duplo gesto de libertação, então, mas somente então, — ó meu irmão! sairás do inferno em que te encontras para entrar no céu que tu realizarás! Deixarás as trevas da tua ignorância, para abraçar as puras claridades da tua inteligência, desperta, já, da influência letárgica das religiões".

—o)*(o—

Anarquia não é desordem. Os anarquistas querem realizar a ordem pelo acordo livre e livre federação do simples ao composto. Acordo livre entre os indivíduos, livre acordo entre grupos, livre acordo entre municípios, livre acordo entre povos.

Emile Royer (Defesa dos anarquistas ante o Supremo Tribunal de Bruxelas).

A MISÉRIA SOCIAL

Como muitos outros, acreditei em minha juventude firmemente que o pioramento da miséria social levaria os homens gradativamente à consciência das causas profundas da sua existência indigna. Desde então persuadi-me que essa fé era uma ilusão perigosa, como tantas outras crenças vazias, que havíamos tomado incondicionalmente da geração anterior. Minhas passagens pelos lugares da mais espantosa miséria fizeram oscilar essa fé e me capacitaram para

Nós anarquistas, como todas as pessoas de coração, pensamos que a humanidade não se fez para estar amontoada como rebanho e viver vida bestial e infamante; necessita de completa liberdade para desenvolvimento de suas forças e capacidades. Com o comunismo livre, os homens associam-se livremente segundo suas afinidades, produzem livremente segundo suas capacidades e consomem livremente segundo suas necessidades. Essa liberdade geral torna-se a base da vida, as aptidões desenvolvem-se, os caracteres melhoram com o bem estar e os homens, já não tendo em frente essa terrível inquietude do incerto amanhã, consideram-se felizes trabalhando para o intrínseco geral na medida de suas forças... Concluo dizendo que, quanto mais liberdade houver e bem estar, menos crimes ocorrerão. Numa sociedade anarquista, o raro criminoso será olhado como um doente cujo estado necessita de observações e cuidados.

Emile Royer (Defesa dos anarquistas ante o Supremo Tribunal de Bruxelas).

Nossos livros

"Na Inquisição do Salazar", por Luís Portela e Edgard Rodrigues. Edição Germinal — Rio.

A bibliografia do movimento revolucionário de baixo de regimes ditatoriais, se é vasta em alguns países, no caso de Portugal deixa muito a desejar. Torna-se portanto louvável o esforço da Editora Germinal dando a público, no Rio de Janeiro, este volume de cartas trocadas entre dois companheiros, um dentro e outro fora da prisão, revelando o que nos cárceres do estado fascista português se passava e o que ocorria no mundo oprimido e ansioso de liberdade.

Dos dois autores, um é falecido e o outro teve a virtude de conservar tais documentos, trazendo-os finalmente para o Brasil e realizando pacientemente a sua coordenação.

Na "Introdução" faz o autor, sobrevivente, Edgard Rodrigues, um retrospecto do movimento operário em Portugal, e deve-se notar que fica evidenciada a tendência anarquista dos sindicatos, ou seja o anarco-sindicalismo do operariado português.

Sabemos que desde os primórdios do movimento associativo revolucionário era a bandeira do socialismo que ali se desfaldava; a evolução fez-se naturalmente para o sindicalismo, repelindo-se as tonalidades ditatoriais do marxismo bolchevista, quando este se expandia no pós-guerra de 1918, em favor do anarquismo, que é a verdadeira liberdade de pensamento e ação. Disto fui testemunha na época de 1920-1926, e é com satisfação que vejo Edgard Rodrigues registrar na "Introdução" do seu livro a repulsa à Internacional Comunista no 3.º Congresso Operário Nacional da Covilhã em 1921, no qual a Juventude Sindicalista, pela voz do seu representante, fez rejeitar uma proposta de adesão da Confederação Geral do Trabalho à Internacional Sindicalista Vermelha. E mais tarde, no ano de 1924, em obediência às resoluções do mesmo Congresso, o plebiscito promovido pela C. G. T., que deu ensejo à manifestação de 104 sindicatos a favor da adesão à Associação Internacional dos Trabalhadores (anarco-sindicalista), enquanto somente seis foram pela organização bolchevista e cinco se abstiveram de qualquer pronunciamento.

Este fato volume incorpora-se à história da perseguição nazi-fascista em todo o mundo. Nas suas 144 cartas palpita o espírito revolucionário dos autores e pintam-se, com as cores trágicas mas verdadeiras de um período sangrento, as misérias da traição e o heroísmo das vítimas da nova inquisição, que tem sido tanto o escuro das masmorras como a atmosfera do país subjugado. Paralelamente, fatos conhecidos e secretos da guerra civil espanhola e da colaboração do fascismo português com os "nacionalistas" são revelados, graças à correspondência mantida entre os dois companheiros durante os anos de 1932 a 1937. Com a vantagem do testemunho de quem viveu os acontecimentos,

melhor compreensão, embora me custasse ao começo. Nunca abandonei essas excursões pelos cantos mais tenebrosos da miséria social, ainda que não o fazendo com o mesmo zelo que nos primeiros tempos de minha residência em Londres. Como a pouco e pouco fiz fama entre os camaradas londrinos de ser bom conhecedor daqueles distritos da mais negra pobreza, recomendavam-me nos anos posteriores hóspedes do continente para que lhes servisse de guia. Minhas impressões permaneceram inalteráveis, muito embora as conclusões que delas deduzi se tenham modificado muito no passar dos anos.

Há uma etapa da miséria material e espiritual em que o ser humano torna-se incapaz de qualquer elevação interna. Não nego que as crises sociais e econômicas que repentinamente aparecem e de forma grave, podem alentar os seres humanos em certas circunstâncias à rebelião decidida, mas somente por ter-lhes ficado viva a lembrança de tempos melhores. Mas quem nunca conheceu melhor passado e nasceu na miséria mais profunda, em poucos casos é capaz de resistir, porque a vida já o aniquilou física e espiritualmente na mais tenra juventude.

(Rudolf Rocker, "Na Borrasca")

no movimento subterrâneo e dentro dos cárceres da reação, fica-se conhecendo a bravura e a astúcia nos ardis empregados para a troca de notícias, para a comunicação com os companheiros de ideal.

Enriquece este livro um apêndice com a biografia de numerosas vítimas do salazarismo e, ainda,

do. Realmente, esse seria o crime mais pavoroso da ditadura, matar a índole generosa, liberal e altiva do povo transformando-o em massa passiva, amorfa, castrada e submissa. Mas isto não é verdade. As cartas de Luís Portela e Edgard Rodrigues podem ser tomadas como um símbolo da alma revolucionária, da coragem, do espírito indomável do povo português. E' este sem dúvida um dos principais aspectos do livro, a sua virtude

Luís Portela e Edgard Rodrigues



expressivo documentário a elucidar episódios diversos daquela época.

Tem-se notado infelizmente uma certa impressão de falta de energia, de revolta, do povo português ante a opressão política ali reinante há 30 anos, como se aquele gênio revolucionário de tantas jornadas históricas houvesse feneci-

maior, porque a par da indignação ante a sorte e o destino de tantas vítimas tombadas no caminho, nos alenta e faz confiar na capacidade de quantos, em Portugal ou no exílio, sabem que, se lutar pela liberdade é um dever, poder lutar por ela é uma felicidade. P. FERREIRA DA SILVA

Primeira conferência anarquista americana

PARTICIPANTES — A Conferência Anarquista Americana, convocada pela Comissão Continental de Relações Anarquistas, realizou-se em Montevideu, de 14 a 21 de abril p. p., com a participação de delegados das seguintes organizações: Federação Libertária Argentina; Relações Internacionais Anarquistas (Argent.); que congrega várias agrupações do país, como "La Protesta", "La Obra", "Libre Palabra", grupos de La Plata e Córdoba e elementos individuais; Centro de Cultura Social e "Nossa Chácara" (Brasil, S. Paulo); Grupo Anarquista do Rio de Janeiro "Ação Direta"; Grupo Libertário de Pôrto Alegre (Brasil, R. G. S.); Federação Anarquista Internacional do Chile; Associação Libertária Cubana; Federação Anarquista Uruguai. Mandaram sua adesão e informações por escrito a Liga Libertária dos E. U. A., a Federação Anarquista Mexicana, a Agrupação Anarquista Panamenha, a Federação Anarquista do Peru e companheiros de Santo Domingo, Haiti, Bolívia e Equador.

TEMÁRIO — I — Estudo da Realidade Americana. II — Pronunciamento sobre os problemas latino-americanos. III — Pronunciamento sobre os problemas mundiais. IV — Relações e coordenação do movimento anarquista: A) No plano americano: 1 — Informe da C. C. R. A.; 2 — Informe das delegações; 3 — C. C. R. A. (Funcionamento, integração, apóio, tarefas, etc.); 4 — Formas concretas de colaboração entre os movimentos do continente. B) No plano mundial: 1 — Comissão de Relações Internacionais Anarquistas (C. R. I. A.); 2 — Formas concretas de colaboração entre os movimentos dos diversos países; 3 — Congresso Mundial Anarquista; 4 — Biblioteca e Arquivo Internacional Anarquista (B. A. I. A.); 5 — Realizações Anarquistas. VI — Declarações.

Os pronunciamentos, as resoluções e os acordos, dada a importância e a profundidade com que foram tratados, merecem a divulgação, o que passaremos a fazer a partir do próximo número. Destacamos, pela oportunidade e significação, as seguintes declarações:

* De solidariedade com a C. N. T., a F. A. I. e as Juventudes Libertárias espanholas, por sua resistência e luta contra a tirania franquista. * Admiração pelos que, sob o bárbaro despotismo bolchevique, mantêm acesa a chama da esperança de liberdade e fim do totalitarismo comunista-marxista.

* De apóio à greve mantida há oito meses pela Federação de Obreiros em Construções Navais da Argentina. * De repúdio a toda legislação repressiva, como a execranda lei 4.144 da Argentina. * De saudação ao artista e homem livre Pablo Casals, formulando votos por seu restabelecimento. * De solidariedade com os operários e estudantes mortos ou perseguidos em Cuba e no Chile. * De repúdio ao Tratado de Defesa do Atlântico Sul.

Em resumo, podemos afirmar que a Conferência realizou-se num clima de muita cordialidade, de afetuoso companheirismo, tendo sido todas as resoluções tomadas por acordo geral, sendo raros os casos em que não se alcançou unanimidade, não se verificando votação em nenhuma instância.

JOSE OITICICA

Recordando alguma coisa de sua trajetória no movimento libertário

Por JOSE ROMERO

Oiticica nos deixou para sempre. Nunca mais o tornaremos a ver. Empreendeu a viagem que todos nós, mais dias menos dias, teremos que fazer e da qual não se regressa. As leis inelutáveis da Natureza, na sua ação constante de transformação da força e da matéria, não poupam ninguém.

A's 18 horas da tarde do dia 30 de junho do corrente, quando a luz do dia começava a desaparecer do firmamento, algumas centenas de pessoas — (a família, amigos, discípulos e companheiros de Ideal) — muitas com as lágrimas caindo, entregaram-no ao seio da Mãe-Terra. Por momentos, a mágoa que perdura no nosso íntimo quer embargar a ação da mente, que deseja dizer alguma coisa sobre o companheiro que perdemos. Reanima-se, porém, insiste e diz: "Aceita o inevitável com serenidade; traça algumas linhas, ainda que pouco saibas do belo idioma que o companheiro desaparecido com tanto carinho ensinava aos seus alunos." A memória desanuviava-se e recorda-se de pessoas e fatos.

O grande geógrafo e pensador anarquista Eliseu Reclus disse: "O homem é a natureza formando consciência de si mesma". Mas, do que não há dúvida é de que a consciência da maioria dos homens ainda continua endurecida, sonolenta, quase apagada por força dos preconceitos acumulados através de séculos de ignorância, exploração, miséria e tirania de uns sobre os outros. Quando, porém, esclarecido o pensamento, ela desperta e compreende a verdadeira missão humana sobre a Terra, o homem esforça-se e combate na medida da sua capacidade física, moral e cultural para destruir os erros, iniquidades e injustiças que deslustram a existência da humanidade, contribuindo para solidarizar e libertar, não somente a coletividade de que por ventura faça parte, mas o mundo todo, da opressão e mazelas que dominam ainda a sociedade atual.

O companheiro José Oiticica possuía inteligência esclarecida e incorruptível, vontade que não desfalecia, sentimentos apurados; era tolerante com os seus semelhantes e intransigente na defesa do Ideal que abraçou: a doutrina anarquista. Foi um trabalhador incansável no exercício cotidiano da sua arte de ensinar, não só como professor de portugueses no Pedro II, colégio padrão da República, como também nos cursos particulares e como professor da Escola de Arte Dramática da Prefeitura do Distrito Federal. Só impossibilitado por doença é que deixava de atender aos seus deveres e compromissos com os seus alunos.

Como escritor, a sua obra sobre filologia, literatura, crítica literária, poesia e o ideal anarquista, foi abundante. Se houver alguém que, com o devido esmero e carinho, a possa reunir e editá-la, certamente muito lucrará a cultura da geração presente e vindoura, como também esclarecerá o que querem e desejam os libertários.

Devemos citar o que nos disse um companheiro no dia do seu sepultamento: que 48 h. antes de falecer esteve no seu escritório fazendo a revisão das provas dos artigos para o último número (118) de "Ação Direta", pedindo que lhe levasse com urgência a prova de página, pois, sempre fazia empenho em revisar a matéria do periódico em segunda prova. Tal era o seu zelo para evitar que passassem erros da língua de que foi cultor, e de que teve ocasião de cantar a beleza num soneto, se a memória não me falha, intitulado "A Língua".

A sua trajetória no movimento libertário e no meio sindical foi constante. Nos seus 75 anos de vida, durante 46, ele soube dispor de tempo para dedicá-lo à propaganda da redenção social, coisa que ele fazia em diversos meios associativos. Entretanto, sempre viu que para destruir a exploração do homem pelo homem, era preciso ensinar, esclarecer a mente dos trabalhadores, dos quais foi um amigo dos mais sinceros e desinteressados até os últimos momentos da sua existência.

Em 1912 tivemos a satisfação de ler o primeiro artigo de Oiticica de afirmação anárquica. (Ignore se já o tinha feito em alguma outra publicação). Nêle ressaltava a obra do mártir de Montjuich e previa o triunfo do racionalismo libertário. Esse trabalho foi publicado no número especial de *A Lanterna*, de S. Paulo, do dia 13-10-12, em recordação do 3.º aniversário do fuzilamento de Francisco Ferrer, o fundador da Escola Moderna de Barcelona em 1901. Tinha a seguinte epígrafe: "Francisco Ferrer e a Humanidade Nova". Foi o primeiro que enviou para o citado periódico.

FÁTIMA VOLTA AO BRASIL

Por EDGART RODRIGUES

Chegou a terras de Sta. Maria a milagreira de Fátima. Vem munida de bolsas, mas que bolsas fundas e resistentes! e que cofres blindados acompanram a pedinte que prepara nova colheita na vinha do Senhor. Lá vem ela balançando ao sabor das ondas do mar, naquele "Monstro diabólico a vapor, invenção do diabo". Seus tesouros são astutos, sagazes e hábeis, para proceder a rigorosa colheita, e que colheita!...

Vem ao Brasil para festejar o quadragésimo aniversário (para colhêr dinheiro, não) do burlesco invento dos padres D. José Alves Correia da Silva, (bispo de Leiria, há muitos anos paralítico), Benvenuto Ferreira, Manuel Marques Ferreira e Abel Ventura do Céu Faria. São estes os geniais inventores daquela mina inesgotável, daquela empresa milagreira que tantos escudos rende. Citamos apenas os nomes dos principais da

empresa "Fátima Sociedade Anônima Ilimitada", mas há outros e os primeiros auxiliares da maior façanha deste meio século vinte. São eles: José dos Santos Rito, Manuel da Costa "Lamorosa", Gilberto Fernandes dos Santos "Bicâncaro" e o fotógrafo Antônio de Campos. Esses inventores e colaboradores dos primeiros anos, foram apoiados e ajudados pela cabeça mestra da Igreja e do Governo português, Cerejeira-Salazar, que agora incita os novos tesoureiros a correrem mundo em busca de ouro e mais ouro, cruzeiros e mais cruzeiros. Não acham que já levaram bastante da outra vista a este Brasil.

E o trabalhador que sustenta com seus trabalhos essa parasitada que vive à farta, não dá um pio de discordância. Tudo corre às mil maravilhas, para os que vendem aquela água de Fátima apanhada não se sabe em que fonte

Em começos de 1913 houve uma reunião de delegados de várias associações de classe do Rio, promovida pela comissão reorganizadora da Confederação Operária Brasileira, nomeada pela Federação local, com o fim de coordenar esforços para desenvolver o movimento associativo profissional com caráter apolítico, isto é, orientação sindicalista-revolucionária. Ela teve lugar na sede de uma sociedade localizada à rua S. Pedro, próxima à dos Andradas.

Posterior a essa assembléia e no decorrer desse ano, Oiticica entrou em contato com os elementos da Federação Operária do Rio de Janeiro, organismo sindical apolítico, cujo nome vinha desde 1906, quando se realizou no Rio o 1.º Congresso Operário Brasileiro, mas que, entretanto, era uma continuação do movimento operário do Rio, da antiga Federação das Associações de Classe, fundada em 1903. Nessa altura a Federação tinha a sua sede num sobrado no antigo Largo do Capim, situado entre as ruas General Câmara, S. Pedro e Andradas, na direção desta última.

Um dia José Oiticica, com a sua inseparável pasta, subiu a escada do sobrado, entrando no recinto dos trabalhadores, que não tinham medo de ouvir falar do ideal anarquista e ler os seus pensadores e propagadores; lugar perigoso segundo os burgueses caçadores de votos e demais defensores do regime capitalista. Logo deparou com vários grupos, uns sentados e outros em pé. Ao encontro dêle, por ser pessoa desconhecida dos presentes, foi um membro da comissão administrativa da Casa. Era um companheiro, carpinteiro de profissão, mulato, natural de Maceió, de quem, no momento, só recordamos o sobrenome, que era França.

— Que deseja o nosso amigo? — perguntou-lhe.

— Desejava falar com o presidente ou diretores — respondeu Oiticica.

— Aqui não temos presidentes, nem diretores — replicou por sua vez o companheiro algoano, criatura de temperamento expansivo e alegre, agregando: Só há comissões administrativas que executam as decisões das suas assembléias.

— Muito bem, — disse Oiticica — e a seguir pronunciou mais algumas palavras que não recordamos bem, cujo sentido fóra de haver encontrado alguma coisa do que desejava e lhe causava satisfação.

Depois conversou com os operários que lá estavam. Dessa época em diante não cessou o seu contato com o movimento sindicalista de ação direta, que perdurou até o começo da ditadura getuliana, mais intimamente com o do Rio, entretanto, também, com o de S. Paulo. Por meio de conferências, palestras e diálogos procurou distribuir aos companheiros de Ideal e aos trabalhadores em geral os conhecimentos que possuía sobre a questão social, idioma, ciência, higiene e muitos outros, necessários ao aumento de cultura do trabalhador, despida dos rançosos preconceitos da sociedade capitalista.

Assim procedeu na Liga Anticlerical do Rio de Janeiro, 1912/30 (?), onde sua atuação foi grande, esclarecendo cérebros e estimulando vontades. Não era somente contra o clericalismo que êle pregava, era também contra os vícios, o álcool, o fumo e outros. Tivemos ocasião de conhecer pessoas que, depois de terem ouvido as suas conferências sobre os males que êsses vícios produzem, deixaram de fumar, tornaram-se abstêmios ou morigerados. Nessa Liga realizaram conferências, também, que nos lembremos, o Dr. Coelho Lisboa, o tenente da Marinha Coriolano Martins e Cecília Meireles contribuindo dessa forma para ilustrar o povo, ensinando-o a amar a liberdade e o livre pensamento.

No decorrer de 1914 foi fundado um Centro de Estudos Sociais, que teve a sua sede na rua General Câmara 335. Dos seus numerosos aderentes destacavam-se Oiticica; o velho João Gonçalves, de saudosa memória, contabilista; Cecílio Vilar, tipógrafo, riograndenses os dois; Francisco Viotti, estudante de medicina, mineiro; e outros.

Nos começos de 1915 houve uma reunião plenária do movimento anarquista do Brasil. As sessões, que duraram vários dias, tiveram lugar na sede da associação de classe dos empregados em hotéis, restaurantes e cafés, denominada Centro Cosmopolita, à sua do Senado, cedida gratuitamente pelos seus associados. Na discussão dos assuntos postos à consideração da assembléia, José Oiticica tomou parte ativa nos debates sobre táticas, meios de propaganda e ética da doutrina. Certos pontos e maneiras de ver os problemas por êle ali expostos acham-se condensados na sua obra "A Doutrina Anarquista ao Alcance de Todos". Nessa reunião esteve representada a F. O. R. A. da Argentina por José Borobio, companheiro que estava de passagem pelo Rio, de volta de uma viagem à Espanha e que, sendo membro de confiança desse organismo operário, foi autorizado a tomar parte em seu nome.

Prosseguiremos no próximo número recordando, ainda que deficiente e pálido descrita, a trajetória do companheiro José Oiticica no movimento libertário e sindical.

"SOLARIDAD OBRERA"
À VENDA
no Largo da Lapa
(Em frente ao Ponto dos Bondes)

e engarrafada pelos monstros da batina, água que tem proporcionado tantas curas, menos a do bispo de Leiria há tantos anos paralítico. E quanto dinheiro rende cada garrafa da divina água? Pobre povo! Pobre gente que, cheia de medo às chamadas do inferno entregam a êsses vigaristas os últimos tostões que lhe restam para um café. Mas que tirocinio comercial têm os administradores da empresa. Que fabulosa habilidade adquiriram para apanhar a bolsa cheia do rico e os últimos cruzeiros do miserável, do "sem camisa", porque senão, até esta levariam.

POLÍTICA E AÇÃO DIRETA
(Continuação da 1.ª pag.)

natural, direto, mas indireto, desviado pelos políticos, pela luta política.

Depois, o caminho das urnas é mais fácil, menos trabalhoso. Toda a inércia, todos os impulsos de passividade que estão dentro do homem, predispõem a receber de boa vontade tudo quanto significar o menor esforço. A campanha política tem essa miraculosa eficácia. Desperta a passividade ao desviar os impulsos de ação para os meios, em vez dos fins.

O homem prefere acreditar que a luta eleitoral é mais eficiente, porque o dispensa de uma ação mais trabalhosa.

A crítica libertária vai ainda mais longe e os argumentos poderiam encher volumes e volumes. Mas, em síntese, os libertários chamam a atenção para os socialistas que ainda se iludem com as lutas políticas, que se dispam de suas couraças ideológicas e da ganga bruta de suas mistificações doutrinárias, que esqueçam um

A LICAO DO PROLETARIADO ESPANHOL

(Continuação da 1.ª pag.)

muitos políticos, defensores da democracia burguesa. Sendo, no mapa da Europa, uma cabeça de alfinete a extensão territorial da Espanha, e esta partida na metade, com um terço no máximo genuinamente proletária que viveu e serviu à revolução, a projeção que teve no mundo da exploração capitalista e da tirania comunista foi e continua sendo de enorme importância.

A vida social-econômica da Espanha anti-franquista se desenvolveu sem capitalistas, mediante o controle dos operários, a coletivização e a administração dos próprios trabalhadores. Tudo funcionava sem governo e sem autoridade. Fazia-se a guerra, não para defender a pátria dos capitalistas, mas para destruir os traidores e para instaurar o verdadeiro socialismo.

Praticava-se a verdadeira democracia obreira, existindo os comitês de relações, que trabalhavam para fortalecer os sindicatos e restringir os partidos políticos. Verificava-se a medida da capacidade sindical do proletariado; corrigindo sempre erros conseguiam-se acertos, demonstrando-se que sem a ditadura do proletariado se podia forjar uma sociedade nova.

Podia-se viver sem padres, sem liturgia e sem temor a Deus. O amor não precisava de garantia oficial e se demonstrava trabalhando e lutando com o máximo de abnegação, a inutilidade do governo e toda sorte de coerções.

A unidade obreira era o signo da resistência e o incentivo para a luta, na demonstração de que o trabalho une e a política divide sempre em proveito da tirania e da exploração. Carentes da solidariedade internacional, traídos pela II Internacional Socialista e pelo pregão nacionalista do comunismo, que roubou o ouro em troca de "voluntários" internacionais e de conselheiros importados da Rússia, com o Comitê de Não Intervenção e com a enorme ajuda que o fascismo, a Igreja e o nazismo emprestavam ao bando dos traidores, fomos afinal vencidos. Mas, quem triunfou na Espanha? E esta é a lição que desejamos explicar. Não obstante os 803 milhões de dólares que Franco recebeu do capitalismo norte-americano, a Espanha está outra vez na situação que já deixou imortalizada Quevedo ao dizer:

Não há de haver um espírito valente? Sempre se há de sentir o que se diz? Nunca he há de dizer o que se sente?

Sim, na Espanha de hoje, "ameaça-se morte", mas a situação é caótica e o regime está agonizando. Já a gente se atreve a dizer o que sente, e quer acabar com a tirania que posterga os direitos do trabalhador. Chegará outra vez a hora de recolher a semente que foi semeada, e poderá ser exportada aos países de tirania e absolutismo, já que temos de confiar na força obreira adormecida pela propaganda dos partidos políticos. Repetir-se-á a história. Nenhuma tirania é eterna, nenhuma religião é infalível.

O que tem permanente sentido real e atual, é recordar que os trabalhadores não têm pátria e que conquistaram sua emancipação, e obra só dos trabalhadores.

pouco a teoria e olhem os fatos que se desenrolam; verão sempre, em toda parte, a política servir de arma para os dominadores, os poderosos, e que, como arma, provou uma eficiência muito superior a das religiões. Hoje o clero é posto um pouco de lado, porque a sua eficiência na conservação da ordem existente é secundária, e a política é melhor usada, porque é uma arma mais segura. E o clero tanto compreendeu isso, dizem os libertários, que, para não desaparecer, fez-se também político, e até socialista.

Assim, sintetizando: A luta pelos meios é a ação indireta;

A luta pelos fins é a ação direta. Os socialistas libertários pregam esta última, e a justificam. A primeira é um desvio do verdadeiro impulso humano de ação que, no oprimido, manifesta-se num impulso de rebeldia.

A segunda são os impulsos realizando-se plenamente, plenamente conscientes e criadores, com todo o seu caráter de iniciativa. A primeira cria massas e conserva-as como tal, isto é, como massas de manobras, como multidões obedientes aos gestos e às palavras de ordem dos líderes, chefes, etc. A segunda desenvolve no homem a capacidade criadora, porque não tira das massas o espírito de iniciativa e modela indivíduos, homens.

"Análise Dialética do Marxismo" — Editora Logos, São Paulo, 1953